

A forma do medo: uma análise de *It a Coisa*, de Stephen King

The fear's shape: *It*, by Stephen King

Priscila Finger do Prado¹

Luma Miranda²

Resumo: O presente artigo tem o intuito de discutir o medo tal como está constituído na obra *It a coisa*, de Stephen King. Primeiro apresentaremos os fundamentos sobre a literatura de terror e sobre o medo no Ocidente, para depois analisar as formas do medo na narrativa de King. Sobre a literatura de terror, destacamos a perspectiva de Júlio França, de H. P. Lovecraft e do próprio Stephen King; e sobre o medo, apresentamos o estudo de Jean Delumeau. Nossa hipótese é a que a representação do medo no livro esteja atualizada com questões da sociedade hodierna.

Palavras-chave: Literatura; medo; *It a Coisa*, Stephen King.

Abstract: In this study, we aim to discuss fear in literature, specifically in *It*, by Stephen King. First, we will present horror literature's fundamentals; second, we will point some aspects of Occident's fear; third, we will analyze fear's shape in the novel. About horror literature, we highlight lectures by Júlio França, H.P. Lovecraft and Stephen King; and about fear, we present Jean Delumeau's study. Our hypothesis is that fear's representation in the book is updated with actual society's questions.

Keywords: Literature, fear, *It*, Stephen King.

Introdução

Stephen King, autor de *It a Coisa*, atualmente está com 72 anos e é considerado o mestre das histórias de horror. Suas obras já ganharam um grande espaço nas livrarias e também nos cinemas. O presente artigo tem o intuito de discutir o medo tal como está constituído na obra *It a coisa* deste autor. A escolha do livro ocorreu devido ao lançamento do filme em 2017. Cumpre observar que a obra cinematográfica foi apresentada em duas partes, a primeira quando os personagens eram crianças, lançada em 2017; e a segunda com os personagens já adultos, lançada em 2019.

¹ Docente da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

O livro *It a coisa* é apresentado com todos os personagens na faixa etária de 37 a 40 anos. Eles relembram o passado, fazendo um *flashback* do medo que os assolou e que está atormentando-os no presente da enunciação. Cada personagem tem medo de alguma coisa, e isto é usado contra eles, na narrativa, para alimentar um ser desconhecido que vive em Derry, o espaço principal do livro.

As narrativas do terrível estão presentes em cada um de nós, todo ser humano, desde a infância, tem diversos medos e os alimenta a cada dia, de modo que a literatura de terror é uma forma que temos de expurgá-los. Por isso, a temática dessa pesquisa é a construção do medo na narrativa, apresentando elementos sobre a literatura de terror, bem como sobre a história do medo no Ocidente.

1. A literatura de terror e as formas do medo

Para pensar a literatura de terror ou de horror, antes de tudo, é importante ter em mente o que se entende por esses termos. Neste trabalho, utilizaremos os dois termos, pois ambos estão presentes na literatura do medo. “Terror”, de acordo com o dicionário de Figueiredo (1913), significa “grande susto. Pavor. Qualidade do que é terrível” (FIGUEIREDO, 1913, p.1960); já “horror” significa “repulsão, repugnância, causada por coisa contrária a natureza, a moral ou aos sentimentos humanitários. Aversão àquilo que causa horror. Forte impressão de repulsa, acompanhada ou não de arrepio, gerada pela percepção de algo ameaçador”. (FIGUEIREDO, 1913, p.1040). Nos dois vocábulos, pois, há a ideia de algo que não é aceitável para o ser humano, que provoca sensações de susto, medo e aversão.

Segundo Stephen King, “o horror [é] essa sensação de medo que é a base do terror, uma emoção ligeiramente menos definida, por não ser inteiramente do espírito. O horror também invoca uma reação física ao nos mostrar algo que está fisicamente errado”. (KING, 2012, P.46). Ou seja, para que haja literatura de terror/horror, é preciso articular a linguagem de modo a construir situações que causem medo. Para o autor, o terror é uma arte, pois lida com representações de emoções humanas, “o desconhecido nos amedronta. Mas nós adoramos dar uma olhadinha nele às escondidas”.(KING, 2012, p.23).

Uma das características da literatura do medo é a presença do fantástico. Para isso, lançamos mão da leitura de *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov (1980). Segundo o autor, “o fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (1980). Nessa relação do real com o imaginário, teríamos a construção do medo na literatura, ou seja, da literatura de terror.

Sobre a tradição de tal literatura, Júlio França, no artigo “O horror na ficção literária: reflexão sobre o ‘horrível’ como uma categoria estética” (2008), aponta que as origens da ficção do horror podem ser rastreadas desde tempos imemoriais, embora exista uma obra que sirva de marco:

A tradição literária ocidental reconhece, de modo quase unânime, *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, como marco inicial do que viria a ser conhecido como literatura gótica. O romance de 1764 – combinando a descrição de um espaço físico antiquado e decadente com segredos do passado que assombram suas atormentadas personagens – estabeleceu os parâmetros de um “novo” gênero que, no século XX, passaria a ser identificado como a forma arcaica da literatura de horror (2008, p.2).

Como observa França (2008), o início da literatura de horror ocorre com a obra de Walpole, que põe o medo como fator principal da narrativa: “Walpole inaugura assim uma tradição crítica que não se privará de pensar a ficção de horror em função dos efeitos causados sobre seus leitores” (FRANÇA, 2008). Assim, é possível destacar que a literatura gótica funciona como uma forma que antecede a literatura de terror propriamente, ambas se apropriando da sensação de medo do ser humano. Depois de Walpole, surge um dos autores mais conhecidos dessa literatura: Edgar Allan Poe. De sua obra é possível destacar os contos “A queda da casa de Usher” (1839) e “O gato preto” (1843). Em ambas, teremos a mistura de elementos sobrenaturais e elementos de mistério na composição das narrativas, os quais contribuem para a construção do medo na linguagem.

Segundo França (2008), também é importante destacar o efeito de leitura como um elemento importante para caracterização da literatura gótica. Para ele, o mais afinado dos efeitos produzidos pelas narrativas sobrenaturais é o terror: “Trata-se de uma emoção gerada não por seres ou cenas que provoquem repugnância, mas sim por um processo de imaginação deflagrado pelo medo daquilo que é apenas sugerido pela

narrativa” (FRANÇA, 2008, p.06). Ou seja, a combinação de determinados signos tem o poder de causar determinados efeitos no leitor.

No livro denominado *O horror sobrenatural em Literatura* (1973), H. P. Lovecraft, ao apresentar aspectos da literatura que se constrói sobre o medo, destaca que a sensação de medo seria a mais antiga e intensa emoção experimentada pelo ser humano, sendo que sua forma mais antiga e intensa seria a do medo do desconhecido (LOVECRAFT, 1973 p. 12). A leitura do clássico de Lovecraft confirma, pois, a de França, ao destacar o efeito do medo no leitor como característica essencial da literatura de terror.

Para a construção do medo nas narrativas literárias, podem ser destacados como principais combustíveis a dúvida e a ameaça pelo desconhecido. A linguagem é capaz de produzir medo no leitor, já que “o que é desconhecido acaba sendo visto como uma fonte de possibilidades perigosas e malévolas” (FRANÇA, 2008, p.03). O acordo entre a curiosidade, a sensação do perigo, a apreensão do mal e a infalível atração do admirável teria uma vitalidade inerente à própria raça humana: “Por essa razão, a literatura que consegue despertar aquilo que Lovecraft chamou de “cosmic fear” sempre existiu e sempre existirá” (FRANÇA, 2008, p.03).

Ao apresentarmos o conceito de literatura de terror e suas principais características, temos por objetivo indicar como o medo é construído na narrativa de *It a Coisa*, de Stephen King. Por se tratar de um livro contemporâneo, o medo é representado em suas formas mais cotidianas e atuais. Com isso, é possível perceber que existem elementos que permanecem no imaginário de terror das pessoas e outros que são atualizados com o tempo. Assim, se fará necessário também um inventário da constituição do medo na história do ser humano, o que faremos a partir da leitura de Jean Delumeau, em seu livro *A história do medo no Ocidente* (2009).

Para a construção do medo nas narrativas literárias, podem ser destacados como principais combustíveis a dúvida e a ameaça, daí a comum utilização do suspense e do mistério, ora pelo escamoteamento de informações das personagens, ora pela presença do sobrenatural, o que não pode ser explicado por nossas leis físicas. Segundo Delumeau:

O medo ou pavor, que é contrário à audácia, não é apenas uma frieza, mas também uma perturbação e um espanto da alma que lhe tiram o poder de resistir aos males que ela pensa estarem próximos[...] desse modo, não é

covardia, de assombro e de temor, o qual é sempre vicioso. E porque a principal causa do medo é a surpresa, não há nada melhor para dele inserir-se do que usar de premeditação e preparar-se para todos os acontecimentos cujo temor pode causá-lo (DELUMEAU, 2009, p.22).

Algumas situações põem em risco a existência e/ou a integridade do ser humano, por isso sua proximidade causa pavor. Sempre houve o medo “quer haja ou não em nosso tempo mais sensibilidade ao medo, este é um componente da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo” (DELUMEAU, 2009, p.23). Frente à sensação de insegurança, a necessidade de segurança surge como fundamental: ‘está na base da afetividade e da moral humanas. A insegurança é o símbolo de morte, e a segurança símbolo de vida’ (DELUMEAU, 2009, p.23). O medo tem a ver, pois, com a insegurança da vida frente à mortalidade. O medo surge como uma sensação inseparável da nossa natureza: “é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente a morte”. (DELUMEAU, 2009, p.24).

Em uma narrativa como *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole, o medo surge no espaço de um castelo, por conta da maldição a uma família que estava no trono e que não teria continuidade de sua linhagem, mas também por conta da presença de fantasmas, fatos desconhecidos e desentendimentos, os quais geram terror e expectativas nos leitores. Assim, o medo no século XVIII tem a ver com esses espaços sombrios, e com a presença do mistério e do sobrenatural.

Já em *O gato preto*, de Edgar Allan Poe, que é narrado em primeira pessoa, a história aborda a crueldade para com os animais, a morte, o sobrenatural e a culpa, mas também um problema comum na realidade da época, o alcoolismo. Por um lado, o tema do alcoolismo do protagonista faz com que não acreditemos piamente naquilo que o narrador em primeira pessoa narra; por outro, sua confissão e culpa nos fazem pensar não só no trágico que narra, mas no problema social que possibilita o terror dos que convivem com o doente. Soma-se a isso, a imagem do gato preto, que remete à superstição, uma vez que o próprio narrador diz que sua esposa acreditava que gatos pretos eram bruxas disfarçadas: “O nome do animal, Plutão (Pluto na versão original em inglês), sugere uma alusão ao deus dos mortos da mitologia romana”. O medo do leitor tem a ver com a violência que o personagem deposita sobre a mulher e seus animais, mas também aos efeitos que o alcoolismo pode ter na vida dos que sofrem da

doença e na dos que convivem com eles. Portanto, a questão de destaque aqui é menos a ruína do mundo aristocrático de castelos do que a ruína causada por hábitos destrutivos como o alcoolismo, que põem em risco a existência e/ou a integridade do ser humano.

Mas como se apresentaria a construção do medo na narrativa de Stephen King? Se, conforme afirma o autor, “todos temos um postulado enterrado fundo nas nossas mentes” (KING, 2012, p.127- 128), é possível afirmar que cada ser humano, de acordo com suas vivências, temerá coisas diferentes. Em *It a Coisa*, são apresentados diferentes personagens, com medos diversos. E é sobre esses medos que falaremos a seguir.

2. As formas do medo em *It a coisa*

A primeira forma do medo, em *It A coisa*, aparece com a personagem George Denbrough, uma criança de seis anos. George possui medo do porão, medo infantil que vem em parte da imaginação. Quando seu irmão mais velho pede para buscar parafina para a confecção de um barco de papel, a ideia de ir ao porão não o agrada. George não contava para ninguém, pois achava isso coisa boba, contudo, ele não gostava nem de abrir a porta do porão para ligar a luz, porque sempre pensava que “uma garra horrível pousaria de leve sobre o pulso dele... e o puxaria para baixo, para a escuridão com cheiro de terra e umidade e legumes podres” (KING, 2014, p.15). Ele sabia que essas coisas de monstros e garras não existiam, mas a ideia não saía de sua cabeça. O medo de George corrobora o estudo de Delumeau, segundo o qual “o medo nasceu com o homem na mais obscura das eras. Ele está em nós. Acompanha-nos por toda a nossa existência.” (DELUMEAU, 2009, p.23).

O medo de George tem a ver com a escuridão (falta de luz) e com um ser capaz de tirar a integridade de sua vida (morte), são medos comuns nas crianças, mas tratam de inseguranças de todos os seres humanos. Segundo o dicionário de símbolos, as “trevas” podem estar atreladas a outros elementos que causam medo, às trevas “vinculam-se fantasmas, monstros, e outros seres mais que o poder grandioso da imaginação cria” (ALVAREZ, 2013, p.72). Já o medo da podridão “com cheiro de terra”

de George tem a ver com a escuridão da noite “que oculta todos os mistérios, impregnando as águas dos rios e dos lagos, tornando-os sombrios, tristes [...]. conservam a matéria noturna, o pavor das trevas e tudo que com ela se relacione” (ALVAREZ, 2013, p.72).

A segunda forma do medo aparece com a personagem Adrian Mello, trata-se do medo da violência homofóbica. O personagem foi espancado e jogado da ponte por um grupo de garotos homofóbicos e, logo, foi destroçado pela coisa. O fato aconteceu na semana do festival que marcava o centenário da abertura do canal. Para o evento, a cidade foi toda reformada para camuflar pichações com frases de ódio como: “MATEM TODOS OS VEADOS e AIDS É DE DEUS, SEUS BICHAS DOS INFERNOS (KING, 2014, p.27). No interrogatório frente à polícia, os adolescentes (de 18, 17, 15 anos, respectivamente) que cometeram o crime afirmavam que o motivo da atrocidade se deu devido ao fato de Adrian estar usando um chapéu de papelão, no qual estava gravada a frase “Eu amo Derry”, “a tolice do chapéu aparentemente feriu o orgulho cívico de Webby ainda mais” (KING, 2014, p.29), bem como o fato de o jovem estar na companhia de Don, seu namorado. Como se depreende, a violência física se dá pelo fato de os agressores estarem em grupo, são três garotos em volta de Adrian que “parecia um coelho em uma armadilha,[...] tinha 1,65 metro e pesava apenas uns 60 quilos, estava sendo empurrado de Garton para Dubay para Unwin em uma espécie de brincadeira. O corpo dele se balançava como o corpo de uma boneca de pano”(KING, 2014, p.40). Os três bateram no jovem com socos auxiliados por anéis de metais pesados, quebrando-lhe três dentes e rasgando suas roupas, de modo que o sangue brotava da boca encharcando a sua camiseta.

Tal violência física é justificada com violência psicológica, pois os garotos completavam a agressão com xingamentos: “Essa cidade não precisa de bichas como você!” “expulsa o vagabundo”. O medo de Adrian é o medo da violência contra gays, que hoje leva o nome de “homofobia”. Segundo o Dicionário Online de Português³, “homofobia” é o nome que se dá para o “medo patológico em relação à homossexualidade e aos homossexuais, a quem se sente sexual e afetivamente atraído por pessoas do mesmo sexo”. Esse ódio direcionado aos homossexuais comumente é demonstrado através de violência física ou verbal.

³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/homofobia/> Acesso em 27/08/2020.

Nos Estados Unidos, país em que se passa a história de King, há um alto índice de violência homofóbica e ataques a boates gays, como o massacre no clube Pulse, em Orlando, no ano de 2016. De acordo com o site O Globo⁴, o número de mortos nesse crime fez do ato o pior ataque a tiros da história dos Estados Unidos. O último com proporções comparáveis foi o massacre de 2007 na Universidade Virginia Tech, que deixou 32 mortos, segundo a Reuters⁵. No Brasil, a homofobia também é um problema sério. Segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, o Brasil é um dos países que mais mata gays, sendo que, em 2017, foram 445 casos. Quando se trata de assassinatos de pessoas trans, o Brasil é líder absoluto, conforme matéria de O Globo⁶. Ou seja, se o medo da homofobia está presente nos EUA, como representa a personagem de King, no Brasil, esse medo pode ser maior.

Com isso, queremos dizer que uma das formas do medo em *It a Coisa* é um medo contemporâneo, o medo de ser morto por sua orientação sexual. Justamente a partir desse medo, a Coisa se aproveita, se alimentando desse momento de ódio e repulsa dos personagens, para incitar ainda mais a aversão, o horror e a homofobia. Assim, ele consegue se alimentar do medo, rasgando a mordidas a vítima de homofobia.

A terceira forma do medo na narrativa é o medo urbano, o medo na cidade: “uma cidade inteira pode ser assombrada? Assombrada como algumas casas em teoria são? [...] A cidade toda.[...] Um local de alimentação para animais. O que está se alimentando em Derry?” (KING, 2014, p. 133). Conforme a narrativa de *It a Coisa*, a cada vinte sete anos uma coisa sai de seu esconderijo para se alimentar, comer carne de pessoas, as quais estejam com muito medo, pois é esse medo que a alimenta. Na atualidade, o medo urbano tem sido constantemente alimentado, especialmente pela mídia. Quanto mais insegura se sente a população, mais se investe em segurança privada, de modo que o medo acaba por ser um negócio.

Se na literatura gótica, havia o medo de casas mal assombradas, antecedido pelo medo de castelos “mal assombrados”, como vemos em *O castelo de Otranto*, de Walpole, na literatura de terror contemporânea o medo pode estar na cidade inteira, como é o

⁴Disponível em: brasil.elpais.com/brasil/2016/06/12/internacional/1465717811_688793.html. Acesso em: 27/08/2020.

⁵ Disponível em: <https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0YY0LH>. Acesso em 27/08/2020.

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transsexuais-23234780>. Acesso em 27/08/2020.

caso de Derry, cidade ficcional inventada por King, que ficaria no estado do Maine. O medo das cidades atualmente é o equivalente ao anterior medo de castelos e casas mal assombradas, o que significa que o medo da violência tem sido intensificado, a partir dos relatos de violência generalizada da mídia, especialmente contra a população marginalizada e, muitas vezes, por parte da própria polícia. Segundo artigo de Raquel do Rosário e Diego Augusto Bayer ⁷, como o crime costuma despertar a curiosidade da população, a mídia acaba por explorar esse nicho, o que estimula a sensação de insegurança.

A violência urbana é muito expressiva no mundo todo. Os Estados Unidos, segundo o site da revista *Veja*⁸, “têm anualmente mais de 30.000 mortes por armas de fogo; números que colocam o país na liderança do ranking de violência entre as nações desenvolvidas”. Parte dessa tragédia é conferida por especialistas à facilidade em adquirir armas no território americano: “o país é líder mundial em número de armas per capita, com mais de 88 para cada 100 habitantes”, sendo que uma em cada três famílias possui uma ou mais armas de fogo em casa. Já o Brasil é conhecido por ser um dos países com maior índice de violência urbana no mundo. Conforme a Atlas da Violência publicado em 2018 pelo IPEA⁹, em 2016, houve o registro de 62.517 homicídios, chegando a uma proporção de 30,3 mortos a cada 100 mil habitantes. Desses números, em 2016, 71,5% das pessoas assassinadas são negras. Dessa forma, se em *It* há uma figura que potencializa a violência na cidade, marcando-a como perigosa para se viver, na vida real, a violência urbana depende da ação das pessoas e aumenta significativamente quando aumenta a desigualdade social advinda do nosso sistema de produção.

A quarta forma do medo na narrativa tem a ver com a violência infantil, no caso da morte de uma criança de quatro anos chamada Dorsey, que foi espancada pelo padrasto com um martelo. O menino levou repetidos golpes, que quebraram seus ossos, estando muito ferido quando foi levado ao hospital, onde foi deixado para morrer. Os pais alegavam que o menino tinha caído, mas os ferimentos no crânio iam

⁷ Disponível em: <http://www.justificando.com/2014/12/12/a-formacao-de-uma-sociedade-do-medo-atraves-da-influencia-da-midia/> Acesso em 27/08/2020.

⁸ Disponível em: www.veja.abril.com.br/especiais/o-mapa-da-violencia-armada-nos-eua/ Acesso em 27/08/2020.

⁹ Disponível em: www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/9/atlas-2018 Acesso em 27/08/2020.

além de uma simples queda. Esse garoto tinha um irmão mais velho que, logo após a morte do irmão, começou a receber as surras em dobro do padrasto, o que ocasionou sua fuga de casa. Passando os dias na praça, acabou por ser devorado pela coisa, a qual se utilizou de Dorsey para assustá-lo, agarrando-o e destroçando numa noite escura. Tal personagem era uma vítima perfeita para a Coisa, já que sentia medo e não se sentia segura em nenhuma parte. Segundo King, “não é a aberração em si, seja ela física ou mental, que nos horroriza, mas, em vez disso, a desordem que tais aberrações parecem implicar” (KING, 2014, p.71). No caso da narrativa, essa desordem vem da violência autorizada dos pais, da impunidade em relação a esse tipo de violência e da possibilidade de essas ações violentas se repetirem.

Com tais casos apresentados na narrativa, é possível destacar o poder da cultura opressiva e violenta como fator gerador de medo, até porque o que sofre a violência e sobrevive se transforma num violento em potencial. De acordo com Delumeau, “o vazio de poder é um fenômeno ambíguo, deixa livre o caminho de forças que permaneciam comprimidas enquanto a autoridade era sólida. Abre um período de permissividade. Desemboca [...] apenas o medo (DELUMEAU, 2009, p.242). Assim, temos na obra o poder da coisa:

Mas há um problema: as crianças crescem. Na igreja, o poder é perpetuado e renovado por atos ritualistas periódicos. Em Derry, o poder parece ser perpetuado e renovado por atos ritualistas periódicos também. Seria possível que a Coisa se proteja pelo simples fato de que, quando as crianças crescem e viram adultos, se tornem ou incapazes de atos de fé, ou aleijadas por uma espécie de artrite espiritual e da imaginação? Sim. Acho que é esse o segredo aqui. E, se eu fizer as ligações, o quanto eles vão lembrar? O quanto vão acreditar? O bastante para encerrar esse horror de uma vez por todas, ou o bastante só para fazer com que sejam mortos? Eles estão sendo chamados, disso eu sei. Cada assassinato nesse novo ciclo foi um chamado. Quase matamos a Coisa duas vezes, e no final fomos fundo na rede de túneis e aposentos fedidos dela debaixo da cidade. Mas acho que a Coisa sabe de outro segredo: apesar de a Coisa poder ser imortal (ou quase), nós não somos (KING, 2014, p.71).

Essa citação traz a questão do amadurecer como problemática, porque o adulto tende a ter sua imaginação trocada por costume e obediência, o que aumenta a dificuldade de os personagens que enfrentaram a Coisa quando pequenos tornarem a enfrentá-la. As instituições e a idade adulta são vistas como elementos que garantem a manutenção do medo. Para King, a “maioria das crianças lida com seus medos muito bem. A sua imaginação modifica-se tão amplamente, de um modo tão

maravilhosamente variado” (KING, 2014, p.179). Contudo, quando as crianças crescem, o processo de socialização alimenta os costumes e deixa de alimentar a imaginação. A coisa tem mais poder com o público adulto, pelo fato de não haver mais fantasia na vida adulta: “a maioria das pessoas não é escritor de fantasia, naturalmente, mas quase todo mundo reconhece a necessidade de alimentar a imaginação com algumas coisas, vez por outra. [...] a fantasia é o sal para a mente” (KING, 2014, p.181).

A questão do herói, da fé e da coragem enfatizam o poder da imaginação, pois que é preciso ter fé que se é capaz para conseguir matar os monstros, tal seria a fonte de poder. Por isso a coisa tinha um período de hibernação de vinte e sete anos, período no qual a fé na magia dos personagens desaparecia. Depois de vinte e sete anos, a coisa volta a ser capaz de desafiar suas vítimas: “Voltem, vamos terminar nosso assunto em Derry. [...] Voltem e vamos ver se vocês se lembram da coisa mais simples de todas: como é ser criança, segura na crença e, portanto, com medo do escuro (KING, 2014, p. 777).

A infância é retomada pela coisa, porque carrega os medos mais primitivos do ser humano, como o medo da escuridão e do mal. Para Delumeau, o medo da noite de “fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Era o lugar onde os inimigos do homem tramavam sua perda, no físico e na moral” (DELUMEAU, 2009, p. 138). As trevas surgem, portanto, como o espaço ideal do medo. Então, se o monstro se alimenta do medo, estarão em jogo a falta de luz e a vulnerabilidade do corpo:

A Coisa descobriu uma profundidade de imaginação aqui que era quase nova, quase digna de atenção. Essa qualidade de imaginação deixava os alimentos muito suculentos. **Os dentes da Coisa destroçavam carne dura de tantos terrores exóticos e medos voluptuosos:** eles sonhavam com animais noturnos e lamas em movimento; contra a própria vontade, eles contemplavam abismos infinitos. Com esse alimento suculento, a Coisa existia em um ciclo simples de acordar para comer e dormir para sonhar. Ela criou um local em sua própria imagem, e olhava para esse lugar com carinho pelos postigos que eram seus olhos. Derry era seu abatedouro, as pessoas de Derry eram as ovelhas. As coisas seguiram em frente (KING, 2014, p. 870, grifo nosso).

O personagem da Coisa provoca medo, pois um dos grandes medos que temos é o medo da morte e da perda da integridade física. A Coisa ocasiona nos outros personagens esse medo, levando-os para um cenário de trevas e destruição, utilizando-se do cotidiano: “no plano do devaneio espectador, tudo causa medo; no plano da

imaginação ativista” (2014, p. 85). Aqui também se destaca a literatura de terror como a representação de algo que pertence a todos “os contos são medos de criança que se concretizam”. (2014, p. 61). O medo dos perigos noturnos que se mantêm ao longo da humanidade, como cita Delumeau (2009) e o medo da escuridão existem por “razões mais internas que se prendem a nossa condição. A visão do homem é mais aguda do que a de muitos animais, [...] desse modo, as trevas deixam-no mais desamparados” (2009, p. 142).

A quinta forma do medo na narrativa é a da violência contra a mulher e o feminicídio. Tal medo, de perder a vida ou sua integridade física e psicológica, aparece na personagem Beverly, que está casada com Tom. Este, de início, interfere no seu hábito de fumar, na primeira vez fica zangado, dizendo que não queria que ela fumasse perto dele. Numa outra ocasião, Beverly esquece-se desse pedido e fuma ao entrar no carro. Tom, assim que a vê, fecha sua mão, dando-lhe uma pancada na bochecha, com força suficiente para fazer a palma da mão formigar. Ele fica esperando a reação dela, se vai acabar com tudo, mas ele sabe que ela é fraca. Viu nela apenas uma criança sentada com as pernas cruzadas e a cabeça baixa, chorando e se perguntando pelo qual motivo ele tinha feito aquilo, fazendo com que ela se sentisse culpada, reforçando que era ele quem mandava no relacionamento, e se ela não conseguia viver com isso era para ir embora.

Passados alguns meses, depois duma ligação, Beverly acende um cigarro e começa a arrumar uma mala. Vendo essa cena seu marido se lembra dela dizendo “um dia você vai me matar, Tom. Você sabe disso? Um dia você vai longe demais e esse vai ser o fim. Você vai surtar. Ele respondeu: Faça as coisas do meu jeito, Bev, e esse dia nunca vai chegar” (KING, 2014, p. 108), mas agora, com a fúria bloqueando tudo, ele se pergunta se esse dia não tinha finalmente chegado. Ele partiu para cima dela, com um cinto dizendo que ia dar-lhe uma surra: “Ele queria ver aquela expressão nos olhos dela, aquela expressão de medo e pavor e vergonha, aquela expressão que dizia Sim, você está certo, eu mereci” (KING, 2014, p. 109), mas ela fez algo que nunca tinha feito, se defendeu, de modo que ele “ficou tão atônito com esse ato inesperado de insubordinação” (KING, 2014, p. 110). Dizendo que tinha que ir, “ele bateu nela com o cinto, afastando-a da porta pela parede do quarto. Dobrou o braço, bateu nela, dobrou o braço, bateu nela, dobrou o braço, bateu nela”. (KING, 2014, p. 110). As mãos dela

estavam levantadas para proteger o rosto, porém tinha o caminho livre para o resto do corpo. O cinto fazia estalos enfadonhos de chicote. Mas ela “não gritou, como às vezes fazia, e não implorou para que ele parasse, como costumava fazer. Pior de tudo, ela não chorou, como sempre fazia.” (KING, 2014, p. 110). Ele estranhou o fato de que ela não ficou num canto com medo como uma criança, mas, pelo contrário, se defendeu e o atingiu com vários objetos, partindo para a sua cidade natal.

Como se depreende, essa é a representação do medo de muitas mulheres, que estão à mercê de relacionamentos abusivos. Esse medo não é somente de mulheres que estão dividindo a vida com alguém, e sim da insegurança presente na sociedade contemporânea. De acordo com Delumeau “nada é mais difícil de analisar do que o medo, e a dificuldade aumenta ainda mais quando se trata de passar do individual ao coletivo” (DELUMEAU, 2009, p. 29). O medo das mulheres é um medo coletivo, assim como o medo de crianças e gays, em uma sociedade em que a violência não só não é suficiente punida, quanto acaba por ser alimentada pela cultura. Assim, novamente King atualiza o medo na narrativa, expondo toda uma engrenagem social que se alimenta da insegurança, assim como o que acontece na fictícia Derry, em que a cidade alimenta a Coisa.

O que une todas as formas do medo é a figura do monstro. O medo de monstro é exibido na narrativa pela apresentação de características que o afastam do humano, mesmo que tais monstros sejam humanos. No caso de *It a Coisa*, o “monstro” é o palhaço Pennywise, que é caracterizado por ter linhas fundas, a pele como um quadro de rugas bochechas despedaçadas, carne corroída. Sua pele estava machucada, porém não tinha sangue. A ação do palhaço é atacar os pontos vulneráveis de suas vítimas, como quando fala com Ben: “Ben se deu conta com **horror** renovado de que ele tinha chegado à ponte, mas **seu medo não era miragem**” (2014, p. 190, grifo nosso). A presença da figura monstruosa aumenta a sensação de medo que, por sua vez, alimenta o monstro, num círculo vicioso. Dessa forma, pode-se entender que, embora o monstro catalise os medos das personagens, ele está ali como um símbolo, já que o medo está espalhado na sociedade, nas várias formas que se encontra para manter uma estrutura social que privilegia uns poucos e oprime uns tantos.

Com a análise, pudemos observar que as características das narrativas de terror se atualizam em *It a Coisa* (2014). Se os espaços diferenciam o medo nas obras de

Walpole (1764), Poe (1843) e King (2014), o caráter universal do medo, destacado por Lovecraft (1973), Delumeau (2009) e pelo próprio King (2012), aproximam essas obras. No caso de King, os medos comuns ao nosso tempo, como o medo da violência a pessoas em situação de vulnerabilidade “conversa” com o leitor hodierno, de modo que o monstro em si (It, na forma do palhaço Pennywise) funciona como um catalizador do medo na narrativa. E é através do monstro que temos a presença do sobrenatural, tal como estudado por Todorov (1980).

Além disso, é possível dizer que narrativa de King está de acordo com sua reflexão crítica, pois, para o autor: “a tarefa de se criar terror é bem semelhante a se paralisar um oponente nas artes marciais- é questão de se encontrar pontos vulneráveis e aí aplicar a força” (KING, 2014, p. 108). Em *It a Coisa*, é a partir do medo de cada personagem que a Coisa se transforma, a fim de produzir horror em suas vítimas, medos que advém de situações diferentes, mas que, no fundo, abarcam o temor universal pela vida e sua integridade.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a construção do medo na narrativa de *It a coisa*, de Stephen King. Para tanto, primeiramente apresentamos elementos sobre a literatura de terror, a qual, como vimos, se desenvolve pela representação de situações que causem medo, a partir da ferramenta da linguagem. Para tanto, foram pontuados alguns autores como H. P. Lovecraft (1973), Jean Delumeau, (2009), além da menção a leituras literárias como *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, *O gato negro* e *A queda da casa de Usher*, de Edgar Allan Poe e, claro, a análise de *It a Coisa*, de Stephen King, os quais produziram, em três séculos diferentes, diferentes realizações no gênero terror e horror.

Pudemos observar cinco formas do medo na narrativa de King, o medo do escuro, o medo da violência homofobia, o medo da violência urbana, o medo da violência infantil e o medo da violência contra a mulher, todos eles catalisados pela figura do monstro, a Coisa que se alimenta do medo para viver. Vimos que o medo do monstro é exposto na narrativa, como uma figura que se diferencia do humano, ele é

representado pelo palhaço Pennywise, que se alimenta dos personagens, destroçando-os vivos, pois aquela cidade é seu abatedouro. Contudo, pudemos observar também que os seres violentos também podem adquirir uma feição que os diferencia do humano. A condição que possibilita os medos apresentados na narrativa são fruto não da Coisa, em si, como da estrutura social que alimenta desigualdades de poder, sendo que uns grupos acabam por ter mais medo do que outros, como no caso de gays, mulheres e crianças. Assim, podemos depreender que a literatura produzida por King nos permite pensar na existência, desde os medos mais primitivos, como os mais atuais, preservando o efeito do terror mais primitivo, ao mesmo tempo que atualiza a forma de fazê-lo.

Referências

- ALVAREZ FERREIRA, A. E. *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos* [livro eletrônico]/Agripina Encarnación Alvarez Ferreira. Londrina: Eduel, 2013.
- DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente 1300-1800 Uma cidade sitiada*. Tradução: Maria Lucia Machado. – São Paulo Companhia de bolso. 2009.
- FIGUEIREDO, C de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Nova edição, 1913.
- FRANÇA, J. O horror na ficção literária; reflexão sobre o "horrível" como uma categoria estética. *Anais do XI Congresso Internacional da Abralic*. São Paulo, 2008.
- KING, S. *Dança macabra: o fenômeno do horror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero*. Tradução de Louisa Ibañez. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- KING, S. *It: a coisa* [recurso eletrônico] / Stephen King; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- LOVECRAFT, H. P. *Supernatural Horror in Literature*. New York: Dover, 1973.
- NESTAREZ, O. *Poe e Lovecraft: um ensaio sobre o medo na literatura*. São Paulo: Livrus Editora, 2013.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.